

O PRÓLOGO DE PÉRSIO COMO PROFISSÃO DE FÉ¹

Marihá Barbosa e Castro²
Leni Ribeiro Leite³

Recebido em 30/09/2017. Aprovado em 18/10/2017.

Resumo: Apresenta uma tradução poética do prólogo das *Saturae* de Aulo Pérsio Flaco, satirista do período neroniano, que leva em consideração os aspectos formais do original latino. Após fazer breves considerações sobre o estilo do autor, que é marcado por obscuridade e concisão, oferece uma análise do poema, relacionando-o com a tradição a que se filia – tanto a sátira romana como a invectiva grega. Aponta, ainda, no prólogo, os temas que serão retomados pelas sátiras que se seguem e orientarão em grande parte o fazer poético de Pérsio.

Palavras-chave: Sátira romana. Aulo Pérsio Flaco. Tradução poética.

Introdução

Apresentamos neste trabalho uma proposta de tradução em versos do prólogo das *Sátiras* de Pérsio, discutindo brevemente o estilo de linguagem e composição do autor, e as dificuldades em se pensar uma tradução para o português do texto latino que atenda às diversas camadas do original.

A sátira escrita em versos hexâmetros era considerada pelos antigos romanos um gênero genuinamente latino. Caracterizado pela “mistura” ou “variedade”, conforme indica a investigação etimológica do termo *satura* (HANSEN, 2011), a sátira romana tem como

¹ Este trabalho é parte dos resultados da dissertação de mestrado intitulada *O programa satírico de Pérsio frente à tradição*, defendida em 2015 junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, tendo contado com auxílio financeiro da Capes.

² Mestre em Letras e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob a orientação da profa Dra. Leni Ribeiro Leite. Desde o Mestrado, tem se dedicado à pesquisa na área de Estudos Clássicos, mais especificamente à sátira latina e ao poeta Aulo Pérsio Flaco, tendo também publicado artigos sobre o ensino de latim no Brasil.

³ Doutora em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professora Associada de Língua e Literatura Latina da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tem publicado na área de Estudos Clássicos, com especial enfoque na poesia do Império Romano, na Retórica Latina e na Permanência do Clássico. É autora, entre outros, de *Épica II: Ovídio, Lucano, Estácio* (UNICAMP, 2016) e *Latine Loqui: Curso Básico de Latim* (Edufes, 2016).

temas recorrentes: a crítica literária, em especial aos gêneros elevados e a discussão sobre estilo e dicção; a denúncia dos vícios e a defesa da virtude e da moralidade; a valorização do que é romano frente ao que é estrangeiro; e a apropriação e mescla de diversos discursos e gêneros literários, como o filosófico. Ainda segundo os próprios cultores do gênero antigo, o primeiro a escrever sátiras teria sido Caio Lucílio, que durante a república romana escreveu trinta livros de sátiras, dos quais temos hoje apenas cerca de mil e trezentos versos. O autor seguinte, mais bem sucedido, foi Horácio, poeta augustano do círculo de Mecenas, crítico à sátira luciliana, estabelecedor de novos paradigmas para o gênero ao valorizar a elegância, a *urbanitas*, a *amicitia* e o estilo conciso, mas claro e prosaico.

Aulo Pérsio Flaco, autor que nos interessa aqui, foi o sucessor de Horácio na tradição satírica romana. Dele temos hoje apenas seis sátiras hexamétricas, além de um prólogo de quatorze versos em metro colíambo. Vivendo durante o governo de Nero, Pérsio criticou a literatura sua contemporânea em um estilo condensado, chamado por muitos de obscuro, recheado de metáforas, neologismos e vulgarismos. Apesar disso, a quantidade de comentários e referências à sua obra confirma a grande popularidade: Marcial insinua que apesar de pequena, a obra de Pérsio é notável⁴ e Quintiliano (*Inst. Or.* 10.1.94) aponta Pérsio como um satirista do mesmo nível de Horácio. Dentre os autores pagãos, Pérsio é um dos mais citados pelos cristãos: cinco vezes por Lactâncio, dez vezes por Santo Agostinho e vinte vezes por São Jerônimo, que elogiou não só a moralidade, como também o estilo das sátiras (MORFORD, 1984, p. 98-99). Pérsio era conhecido por Isidoro de Sevilha, por Beda e por Alcuíno, o que demonstra que sua tão mencionada obscuridade não teria sido uma desvantagem para seus leitores mesmo, em um período bastante posterior: ele era lido por estudiosos em todas as partes da Europa (MORFORD, 1984, p. 99).

Embora seja recorrente a observação de que a obra de Pérsio foi admirada em grande parte devido à sua faceta moralizante, ele não foi um filósofo e nem trazia inovações ou novas propostas, apenas reproduzindo tópicos comuns das correntes

⁴ 4.29.7-8: “*Saepius in libro numeratur Persius uno / quam levis in tota Marsus Amazonide*”/ “Mais vezes Pérsio foi estimado por um único livro/ que o medíocre Marso em toda a sua Amazona” (Trad. Robson Tadeu Cesila. In: Marcial, *Epigrammata*, IV, 29, 7-8).

filosóficas da época, sobretudo do Estoicismo. O grande apreço por seus poemas parece não ter sido oriundo exatamente do conteúdo que exibiam, mas da maneira como eram trabalhadas as ideias, pois transformava pela forma interessante o que seria banal em memorável (MORFORD, 1984, p. 74). Além disso, para a Antiguidade, a relação entre estilo e moralidade, entre ética e estética é bastante estreita, sendo esse o tema da própria *Sátira I*: um estilo degradado e corrompido equivale a uma moral viciosa.

O estilo do poeta

Mas a que se deve enfim a obscuridade ou a dificuldade na leitura das *Sátiras* de Pérsio? Defendemos que a razão é múltipla. A obscuridade do estilo se deve: (1) à estrutura dos diálogos, que apresentam mudanças rápidas de assunto e frequentes troca de enunciador; (2) às mudanças vertiginosas de cenas e cenários, momentos em que uma série de imagens concretas se sucede repentinamente; (3) às complexas descrições de estados psicológicos; (4) ao vocabulário recheado de palavras incomuns ou técnicas; e (5) às metáforas densas encontradas em toda a obra. Pérsio distancia-se, assim, da clareza e delicadeza da sátira horaciana, apesar de manter a tradição conversacional inaugurada pelo mesmo Horácio.

Pérsio utilizou aproximadamente 1.938 palavras diferentes em sua obra. Grande parte delas pode ser considerada como *verba togae*, ou seja, palavras comuns, do dia a dia, pouco utilizadas nos poemas de estilo elevado. Morford (1984, p. 79) observa que muitos desses termos ordinários seriam o equivalente a “hambúrguer” para nós: extremamente comuns no cotidiano, mas raras na literatura. Como exemplos, há o uso de *runcare* (IV. 36), roncar, de *cannabis* (V.146), que nomeia uma corda feita de erva, da forma verbal onomatopeica *lallare* (III. 17-18), que designa o cantarolar da mãe, de *obba* (V.148), nome de um recipiente para guardar vinho, de *perna* (III.75), uma espécie de pernil, e também de *tuccetum* (II.42), um tipo de bife. Esse uso de um léxico vulgar dificulta a leitura das *Sátiras* porque nós, modernos, estamos mais habituados ao latim literário, que guarda significativas diferenças de registro em relação ao latim popular.

Embora Pérsio faça uso de um vocabulário ordinário, não se pode dizer que as sátiras representem uma tentativa plena de aproximação da fala cotidiana. Ainda que a escolha lexical aponte para isso, a estruturação sintática e as metáforas parecem indicar

exatamente o oposto, tendo o autor explorado o potencial do latim para criar uma intensa compressão poética que caracterizou seu estilo como condensado (MORFORD, 1984, p. 82). O uso de palavras típicas dos gêneros elevados é especialmente abundante nas paródias de tais gêneros, e podem ser encontradas especialmente nas sátiras I e V. Nota-se também vasta utilização de palavras oriundas de funções sexuais e excretórias, traço herdado da tradição satírica e da invectiva grega.

Destaca-se, ainda, o uso dos diminutivos, que remetem ao risível: vinte seis vezes ao todo. Entre os usos mais significativos dos diminutivos está *auricula*, diminutivo de *auris*, que significa orelha, encontrado diversas vezes durante a obra, especialmente na Sátira I: o termo é utilizado no diminutivo primeiramente em I.22 e possui conotação pejorativa (a orelhazinha que escuta a poesia ruim recitada cotidianamente), carregando o mesmo sentido negativo em I.108. Reaparece em I.59, remetendo ao gesto burlesco de imitar orelhas de burro com as mãos e em I.121 designa de fato as orelhas do animal. A forma não diminutiva surge em I.126 e é a única vez em que a palavra não representa um gosto degenerado ou estúpido, mas sim um bom ouvinte de poesia, aquele desejado por Pérsio:

Em quatro dos cinco casos encontramos o diminutivo *auricula*, que é usado pejorativamente para descrever aqueles que possuem orelhas defeituosas e, portanto, não podem fazer julgamentos estéticos sãos; apenas quando se refere ao leitor ideal Pérsio escolhe a forma não diminutiva *auris*, que representa uma atitude saudável e uma habilidade de apreciar a boa poesia (TZOUNAKAS, 2005, p. 563).⁵

Além disso, há muitas palavras e construções gregas – como o exclamativo *euge!* (I. 49; I. 75) –, termos arcaicos, neologismos, entre os quais o mais notável é o emblemático *semipaganus*, e usos específicos de palavras que tornam a leitura desafiadora.

Ao lado da escolha vocabular, outro aspecto do estilo de Pérsio figura como importantíssimo: a linguagem metafórica. A princípio, uma linguagem carregada de metáforas parece ser inapropriada ao estilo conversacional da sátira: tal figura de linguagem é recorrente nos estilos elevados. Entretanto, Pérsio utiliza a metáfora como

⁵ “In four of the five cases we find the diminutive *auricula*, which is used in a derogatory sense to describe those who have faulty ears and therefore cannot make sound aesthetic judgements; only when he refers to his ideal reader does Persius choose the non-diminutive form *auris*, which represents a healthy attitude and an ability to appreciate good poetry” (TZOUNAKAS, 2005, p. 563).

parte do fluxo (diferente da épica, que normalmente utiliza a fórmula “*sicut*” sucedida por “*haud aliter*”, criando um aparte no texto) de sua escrita e cria, assim, uma inovação para o estilo satírico. As metáforas de Pérsio traduzem ideias abstratas em termos concretos, na maior parte das vezes visuais (MORFORD, 1984, p. 85). Essa característica faz crescer ainda mais a obscuridade de seu estilo, pois aumenta a concisão das ideias. A própria identificação de leitores ruins com orelhas no diminutivo é um uso metafórico, embora seja simples. Há passagens, entretanto, em que as metáforas são bastante carregadas e alusivas, como a que encontramos na Sátira III (21-24) do vaso corrompido, uma metáfora platônica: um estudante preguiçoso e vicioso é comparado a um vaso mal cozido, que ecoa seu defeito quando nele se bate. O satirista sugere, então, que assim como num processo de fabricação de vaso de cerâmica, o estudante se lapide num torno giratório. Há também a singular metáfora encontrada na Sátira IV (23-24), dos alforjes carregados por cada um dos seres humanos: o indivíduo vê apenas o alforje, que representa as faltas, pendurado nas costas alheias, ignorando o que ele mesmo carrega. Na Sátira I, também encontramos ao longo do poema um uso metafórico da recitação que remete a uma atividade sexual, sinalizando uma orgia entre recitadores e ouvintes, denunciando de que maneira o gosto literário degenerado também simboliza a depravação dos costumes. As metáforas encontradas ao longo das *Sátiras* de Pérsio constituem, sem dúvida, um dos maiores obstáculos para o leitor atual, que muitas vezes dependerá de uma série de comentários e notas para acessar o sentido de muitos trechos.

A essas características específicas de Pérsio, somam-se ainda as dificuldades encontradas por todo leitor de poesia antiga: as referências à mitologia ou a hábitos sociais e culturais de uma época tão afastada de nós acrescentam ainda obstáculos talvez inesperados. Pérsio é, de fato, um autor obscuro e trabalhoso para o leitor, mas isso de forma alguma significa um defeito. A ampliação do público leitor para quem Pérsio diz estar escrevendo⁶ na modernidade passa, também, pela oferta de sua obra em línguas

⁶ “*audaci quicumque adflante Cratino/ iratum Eupolidem praegrandi cum sene palles,/ aspice et haec, si forte aliquid decoctius audis./ inde uaporata lector mihi ferueat aure*” (PÉRSIO, *Sat. I.* 123-126). Tradução: Quem quer que sejas tu, inspirado pelo audaz Crátino,/ que empalideces diante do irado Eupólido, junto com o maior de todos eles/ olha também essas coisas, se por acaso algo mais diluído escutas/ De lá, o leitor que ferva com orelha quente quero para mim.

modernas, a quem não leia o Latim, mas com a preocupação de manter ao menos algumas das características do original em sua tessitura poética.

O prólogo

O prólogo que antecede as seis sátiras que compõem a obra de Pérsio é escrito em metro diverso daquele canonizado por Lucílio e retomado por Horácio como sendo o padrão do gênero: o hexâmetro. Pérsio utiliza versos colímbos nesse poema de abertura, declarando-se *semipaganus*, expressão que provavelmente carrega diversos significados e, segundo William Anderson (1982, p. 170), claramente aponta para uma construção do satirista como um quase rústico que rejeita os gêneros literários artificiais, os mais dignificados. Desse modo, o poeta se alinha aos temas mais próximos da realidade, de interesse do dia a dia, e para isso utiliza um estilo apropriado a um meio rústico (ANDERSON, 1982, p. 170).

O prólogo pode ser dividido em duas partes: na primeira, observa-se a construção da própria voz satírica, que rejeita a inspiração poética vinda das Musas, tópica comum dos gêneros elevados; na segunda parte, a inspiração continua sendo o foco do poeta, mas dessa vez a crítica se dirige aos autores que encontram a motivação no dinheiro que sua poesia poderá render.

A dessacralização da inspiração divina pode ser constatada através da análise do vocabulário escolhido pelo poeta: ao referir-se a fonte de Pégaso, Hipocrene, o satirista, a adjetiva com a palavra *caballino*, não tendo utilizado o termo *equus*. Enquanto *equus* representa a forma elevada e douta, a palavra *caballus* é vulgar e informal, sendo mais utilizada na fala comum, mas não visitando a literatura elevada. A diferença, portanto, não reside no significado da palavra, mas sim no tom que seu uso revela. Pérsio não apenas rejeita a inspiração divina como também a desqualifica, não só pelo vocabulário, mas também ao trocar o local costumeiro dos sonhos dos vates: normalmente o monte Hélicon, mas, no Prólogo, o Parnaso, como se tal convenção fosse ignorada pela voz satírica (HOOLEY, 2007, p. 90), que demonstra estar verdadeiramente desinteressada pela poesia elevada a ponto de nem saber se o sonho do vate aconteceu no Hélicon ou no Parnaso.

Ao utilizar as principais metáforas dos gêneros elevados gregos para a inspiração divina – o monte Hélicon, a fonte de Pégaso, as musas –, Pérsio rejeita a própria tradição grega, que era o modelo dos primeiros cânones da literatura romana⁷ e também de muitos dos seus contemporâneos:

Pérsio, de qualquer forma, se desassocia não só dos famosos poetas gregos e dos primeiros poetas romanos, como Ênio, que imitou modelos gregos [prol. 1-6a], mas também de seus contemporâneos, os quais são inspirados pelas musas e estão servilmente dando continuidade a essa imitação da épica e da tragédia tradicionais (ZIETSMAN, 2004, p. 75).⁸

O poeta finaliza a primeira metade do Prólogo positivamente ao anunciar que ele mesmo levará, em sua condição de semirrústico, os seus cantos aos vates sagrados:

Ele usa o termo tradicional *uates* para poetas e adapta a metáfora corriqueira da vocação dos poetas como um ritual sagrado para esvaziar a sua própria sátira (Morford 1984: 27). Ele é *semipaganus* (meio-iniciado) porque não pode participar completamente dos mistérios dos poetas, porque não compartilha a inspiração divina da épica e dos escritores líricos, mas retira sua inspiração do mundo cotidiano do homem comum (ZIETSMAN, 2004, p. 75).⁹

Na segunda metade do Prólogo, o satirista caracteriza os autores gananciosos como corvos, pegas e papagaios: uma ave carniceira e pássaros imitadores da fala humana. O papagaio (*psittacus*) e a pega (*pica*) são aves conhecidas por sua capacidade imitativa, e era hábito mantê-las como animais de estimação nas grandes casas romanas, como atesta Plínio na *História Natural* (10.117-120) e passagem do *Satyricon* de Petrônio (28.9). Para os poetas e versificadores motivados pelo estômago, a possibilidade de ganhar algo em troca de seus escritos é tudo o que lhes importa. A degeneração do gosto, portanto, leva à propagação do vício. Autores gananciosos fingem cantar o néctar de Pégaso em troca de

⁷ Há no Prólogo uma especial referência a Ênio nos segundo e terceiro versos, que abre o primeiro canto dos *Anais* com um sonho em que Homero aparece no Hélicon e declara habitar o corpo do novo poeta.

⁸ Persius, however, dissociates himself not only from the famous Greek poets and from the early Roman poets like Ennius who imitated Greek models (*prol.* 1-6a), but also from his contemporaries who are inspired by the Muses and who are slavishly continuing with this imitation of traditional epic and tragedy (ZIETSMAN, 2004, p. 75).

⁹ He uses the traditional term *uates* for poets and adapts the common metaphor of the poets' calling as a sacred ritual to deflate his own satire (Morford 1984:27). He is *semipaganus* ("half-initiated") because he cannot fully participate in the poets' mysteries, as he does not share the divine inspiration of the epic and lyric writers, but draws his inspiration from the everyday world of the common man (ZIETSMAN, 2004, p. 75).

dinheiro, e o público de gosto degenerado não é capaz de avaliar a qualidade do que recebe. A referência à fonte de Pégaso une as duas metades do poema, tendo iniciado a primeira e finalizado a segunda.

Uma irônica contradição, entretanto, permeia o duplo uso da imagem de Hipocrene: rebaixada num primeiro momento, quando a inspiração divina é rejeitada, a fonte volta a ser usada, mas dessa vez como a que pode oferecer o néctar de Pégaso, que os ouvintes equivocadamente pensam encontrar nos poemas recitados por aqueles ridicularizados devido às suas motivações toscas e imorais para fazer poesia. É possível considerar que a desqualificação desses poetas tem como consequência o rebaixamento do néctar da divina fonte inspiradora: aqueles que praticam a poesia filiada à tradição grega, pretensamente elevada e sublime, oferecem um falso néctar ao público. Mas é possível encararmos a imagem como sendo a crítica aos autores que pretendem emular gêneros elevados, mas falham por incompetência e inabilidade, interpretação que suavizaria o ataque aos gêneros sublimes.

De qualquer maneira, o programático prólogo de Pérsio aponta para um desgaste de uma longa tradição helenística, para uma crítica ao tom grego comum a muitos autores romanos e para um redimensionamento do gosto e dos modelos literários. Pérsio ridiculariza temas, estilo e técnica literárias de seus contemporâneos, considerando-os produtos frívolos de amadores interesseiros, e não o resultado do verdadeiro labor do poeta.

Para Hooley (2007, p. 91), Pérsio não age como se pretendesse superar os modelos anteriores do gênero e promove uma sabotagem estética. Deixa claro, entretanto, o que considera ruim em arte: a repetição cansada, velha, imitativa e sem inspiração e também sem relação com a vida. Não apresenta um programa para sua sátira, mas para a *persona* que desenvolverá, que se define por pôr em questão os gostos e os hábitos do fazer poético seu contemporâneo. O prólogo é, portanto, um pequeno e cuidado libelo e uma profissão de fé: a *persona* satírica se apresenta pronta para o embate, propalando abertamente o que não se deve fazer e, ao mesmo tempo, mostrando habilidade poética e aptidão genérica. Versos que não são os da sátira, mas os da invectiva, abrem a coleção de sátiras indicando que o autor é conhecedor das tradições genéricas poéticas e é capaz de manejá-las; mas escolhe fazê-lo como melhor lhe convém, conforme sua crença e seu gosto mais apurado.

A tradução

Francisco Antonio Martins Bastos traduziu para o português as *Saturae* de Aulo Pérsio Flaco em 1837 no que parece ser a primeira versão da obra em nossa língua. O empreendimento chama a atenção pela liberdade criativa que pode soar excessiva para os tradutores contemporâneos. Entretanto, contrariando a fórmula utilizada na tradução das seis sátiras, Bastos mantém no prólogo a mesma quantidade de versos do original latino e aproveita para estruturá-lo na forma – conhecida e consagrada em nossa tradição literária – de um soneto. A associação é oportuna e interessante, uma vez que o prólogo de Pérsio possui exatamente quatorze versos.

Modernamente, Haroldo de Campos, em *Crisantempo: no espaço curvo nasce um* (1998, p. 209), inclui a tradução do prólogo sob o título “nec fonte labra proluí caballino”, em referência ao primeiro verso. Campos opta por não fazer uma equivalência na quantidade de versos em relação ao original (sua tradução contém quinze versos) e também não elege um metro, provavelmente em busca do prosaísmo que marca a poesia de Pérsio. Outro empreendimento tradutório das *Saturae* é o de Haroldo Bruno em dissertação intitulada *Pérsio: introdução, tradução e notas* (1980). Curiosamente, Bruno não apresentou em seu trabalho uma tradução do prólogo. Recentemente, Fábio Paifer Cairolli apresentou na revista *Estudos linguísticos e literários* (2016) uma exitosa proposta de tradução da Sátira IV, elegendo o dodecassílabo alexandrino e versos brancos, procurando, assim, se aproximar dos aspectos formais do texto latino e filiando-se a uma tradição que tem, para a tradução do hexâmetro, utilizado versos dodecassílabos.

O prólogo, entretanto, é o único poema de Pérsio escrito em metro colíambo, contrastando com o restante da obra – aspecto formal importantíssimo para a leitura dos poemas. Uma tradução completa das sátiras deverá procurar, portanto, uma fórmula que destaque essa diferenciação do metro. O presente trabalho, entretanto, visa apenas à tradução do prólogo, motivo pelo qual não pautou a escolha do metro nesse contraste. Escolhemos, aqui, o dodecassílabo acentuado na 5ª sílaba, pois tal solução, ao que nos parece, conferiu à tradução o tom prosaico característico do original, sem que para isso abrissemos mão de um ritmo regular, elemento importantíssimo do gênero poético para os romanos. Além disso, mantivemos a mesma quantidade de versos do original latino e também a expressão *semipaganus* quase inalterada (semipagano), por entendermos ser um

neologismo marcante do poema que poderia ser facilmente adaptado para o português. Optamos, ainda, por suprir a tradução de todas as notas que consideramos significativas para o entendimento do texto, procurando, assim, torná-lo mais acessível, a despeito da obscuridade pretendida pelo poeta. Auxilia-nos nessa escolha o fato de que tradicionalmente as sátiras de Pérsio têm sido lidas com o suporte de comentários que inclusive acompanhavam os manuscritos. A recepção desse texto tem, portanto, sido fortemente balizada por comentários e notas – que ficaram conhecidos como *Comentum Cornuti* – fato que também julgamos relevante para o conhecimento dos leitores ao decidirmos incluir tais anotações. Segue abaixo o original conforme edição apresentada por Susanna Morton Braund (2004, p. 43) e a tradução por nós proposta:

*Nec fonte labra prolui caballino
nec in bicipiti somniasse Parnaso
memini, ut repente sic poeta prodirem.
Heliconidasque pallidamque Pirenen
illis remitto quorum imagines lambunt 5
hederae sequaces; ipse semipaganus
ad sacra vatam carmen adfero nostrum.
quis expedivit psittaco suum “chaere”
picamque docuit nostra verba conari?
magister artis ingenique largitor 10
venter, negatas artifex sequi voces.
quod si dolosi spes refulserit nummi,
corvos poetas et poetridas picas
cantare credas Pegaseium nectar.*

Não banhei os lábios na fonte do cavalo¹⁰,
nem de ter sonhado¹¹ no Parnaso bicéfalo¹²
me lembro, para sair de repente um poeta.
As Heliconíades e a Pirene pálida
deixo para aqueles cujas imagens lambem 5
as heras sequazes; eu, um semipagano¹³,
aos ritos dos vates levo o meu próprio canto.
Quem ao papagaio explicou o seu “olá”¹⁴

¹⁰ A fonte Hipocrene, situada no monte Hélicon, que surgiu após um golpe do casco de Pégaso.

¹¹ Pérsio faz referência a uma passagem dos Anais em que Ênio afirma ter tido um sonho no monte Hélicon, onde Homero declarou ter ressurgido em seu corpo. Pérsio ridiculariza a passagem ao trocar o monte Hélicon pelo Parnaso.

¹² O monte Parnaso possuía dois cumes, por isso é referenciado por Pérsio como bicéfalo (de duas cabeças).

¹³ Palavra latina utilizada unicamente por Pérsio – provavelmente um neologismo. Não se sabe exatamente o que significa e aparentemente possui um sentido pretensamente ambíguo, podendo significar “semi-poeta” ou “semi-rústico” (BO, 1967, p. 161). Eram chamados de *pagani* os rústicos que não conheciam a cidade.

¹⁴ Pérsio utiliza a expressão *Chaere*, palavra de origem grega, antecipando a crítica àqueles que infestam

E ensinou à pega a arriscar nossas palavras?
O mestre da arte e doador do engenho: 10
o ventre, perito em seguir vozes negadas.
Se a esperança por dinheiro astuto brilhasse,
Tu acreditarias que corvos poetas
e pegas poetisas cantam o néctar de Pégaso¹⁵.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, William. **Essays on Roman Satire**. Princeton: Princeton University, 1982.

BASTOS, Francisco Antonio Martins. **As Satyras de Aulo Pérsio Flaco**: príncipe dos satyricos romanos. Lisboa: Typographia de João Antonio da Silva Rodrigues, 1837.

BELLINGER, A.R. Persius. **The Classical Journal**, The Classical Association of the Middle West and South, v. 24, n. 4, p. 276-284, 1929.

BO, Domenico. **Auli Persii Flacci Lexicon**. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1967.

BRUNO, Haroldo. **Pérsio: Introdução, tradução e notas**. 1980. 198 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1980.

CAIROLI, Fábio Paifer. Pérsio, Sátira 4: uma proposta de tradução. **Estudos linguísticos e literários**. n. 55, Salvador, p. 386-397, 2016.

CAMPOS, Haroldo de. **Crisantempo**: no espaço curvo nasce um. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CESILA, Robson Tadeu. **Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise**. 2004. 392 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

HANSEN, João Adolfo. Anatomia da Sátira. In: VIEIRA, Bruno V.G.; THAMOS, Márcio N (Orgs). **Permanência clássica**: visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana. São Paulo: Escrituras, 2011. p. 145-169.

HOOLEY, Daniel M. **Roman satire**. Oxford: Blackwell, 2007.

JUVENAL; PERSIUS. **Juvenal and Persius**. Edited and translated by Susanna Morton Braund. Cambridge: Harvard University, 2004.

Roma com helenismos.

¹⁵ Pérsio compara os poetas e poetisas que vivem em função das necessidades do corpo a aves imitadoras da fala humana.

MARTIAL. **Épigrammes**. Texte établi et traduit par H. J Izaac. Paris: Les Belles Lettres, 1930. 3v.

MORFORD, Mark. **Persius**. Boston: Twayne Publishers, 1984.

PETRÔNIO. **Satiricon**. Tradução de Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

PLINY. **Natural History**. Volume III, Books 8-11. Trans. H. Rackham. London: Harvard University, 1940.

QUINTILIAN. **Institutio Oratoria**. Trans. H. E. Butler. London: Harvard University, 1980.

ROSEN, Ralph. "Satire in the Republic: from Lucilius to Horace". In: PLAZA, Maria (ed.). **Oxford readings in classical studies: Persius and Juvenal**. New York: Oxford University, 2009. p. 19-40.

TZOUNAKAS, Spyridon. Persius on his predecessors: a re-examination. **The Classical Quarterly**, v. 55, n. 2, p. 559-571, 2005.

VAN ROOY, C. A. **Studies in classical satire and related literary theory**. Leiden: E. J. Brill, 1966.

ZIETSMAN. Persius on poetic (in)digestion. **Akroterion**, n. 49, p. 73-88, 2004.

PERSIUS' PROLOGUE AS PROFESSION OF FAITH

Abstract: In this paper, a poetic translation of the prologue to Aulus Persius Flaccus' *Saturae*, taking into consideration formal aspects of the Latin original. After brief consideration about the author's style, marked by obscurity and concision, it offers an analysis of the poem, relating it to the tradition to which it is affiliated - both Roman satire and Greek invective. Finally, it points out in the prologue the themes that will be predominant in the satires and that in great measure organize Persius' poetic agenda.

Key-words: Roman Satire. Aulus Persius Flaccus. Poetic translation.